

T-1065

SIST. 31 REY  
CLI 0263  
SIST. 59317

17 de novembro de 1949

## MEIO DE SEMANA

Uma viagem de retorno à cidade dos poetas é sempre rica em surpresas. Os textos adormecidos na memória de novo despertam e cantam, não como ontem, mas revelando novos recantos de seus jardins fechados, como essas paisagens sempre vistas ao longo do cotidiano e que guardam para certos momentos inesperados detalhes de seu desenho. Sem falar nos vivos que estão presentes, nem nos antigos que vão recuando para o repouso mortuário das antologias, e cujo país já está distante, queremos nos referir aos que agora ainda se aquecem ao calor amoroso dos sufrágios populares, mortos ainda quase recentes, alguns cujas pegadas persistem pelo caminho antes que o tempo as apague com a sua paciência de traça.

O negro Cruz e Souza, com a sua raridade de orquídea, Bilac ainda tão cotidiano, as pombas de Raymundo, áspero às vezes, Alberto de Oliveira, os últimos sonetos de Emílio de Menezes, tão próximo ainda Raul de Leoni, e outros, e ainda mais outros, neste ziguezague da escolha ao acaso das estantes, uns mais recuados, outros quase junto de nós com o luminoso encanto de suas vozes sem matéria. Viajar através de todos eles como quem entre os túmulos colhe o que restou da vida, nesse resumo essencial que enfeixa as notações da sensibilidade cristalizada momentaneamente em poesia.

E agora uma reflexão. Cada um, é certo, deu de si o que foi possível, dentro das circunstâncias de seu momento, dos recursos de sua técnica. Impossível, mais certo ainda, medir o talento de cada um, compará-los entre si, tão diversos nos seus pontos de vista estéticos, nas suas maneira de sentir e criar. Entretanto, sentimos a força do sopro lírico através da fixação definitiva da forma,

e assim, chegamos a perceber que o mais paciente de todos conseguiu extrair mais de suas fontes subterrâneas que o impulsivo arroubo dos que nos parecem mais espontâneos. *Longe do estéril turbilhão da rua, Beditino, escreve, e lima e sofre e sua...* Bilac tinha razão. Seu método era o mais valioso. Seus sonetos de *Tarde* testemunham a fecundidade desse trabalho de revisão exigente. Bilac era um valéryano.

Poderíamos desenhar uma pirâmide para representar o gráfico do trabalho possível sobre a matéria de um poema. Todo o esforço de aperfeiçoamento será definido pela ascensão metódica sobre um dos lados da pirâmide, até o limite possível do ápice. Atingido esse ponto, persistir na mudança de vocábulos, na substituição da forma, na seleção das expressões, equivalerá a tombar sobre o outro lado, onde talvez nem o tema possa continuar o mesmo, onde tudo passa a existir sob outro signo, onde o poema se transforma noutro poema e já não é mais o primeiro, tão pobres são todas as línguas para a multiplicidade de expressões exigidas na sua aplicação literária. Esse limite é que é necessário atingir, quando a fina aresta do espírito sedento de nítidas fronteiras não sabe ou não pode permanecer na fácil satisfação do primeiro impulso.

Imaginemos o que teria feito Cruz e Souza com a sua capacidade de iluminado, trabalhando a matéria radiante de seu reino. A que alturas teria pairado um Raul de Leoni paciente e duradoiro. Um Hermes Fontes ruminando a substância de sua riqueza lírica.

Mas afinal, de um jeito ou de outro, a felicidade de um poema se assemelha a um milagre. Acontece uma, duas, três vezes em cada poeta. No meio de tantas páginas e de tantos autores, jazem algumas chamas cristalizadas, misteriosas e persistentes.